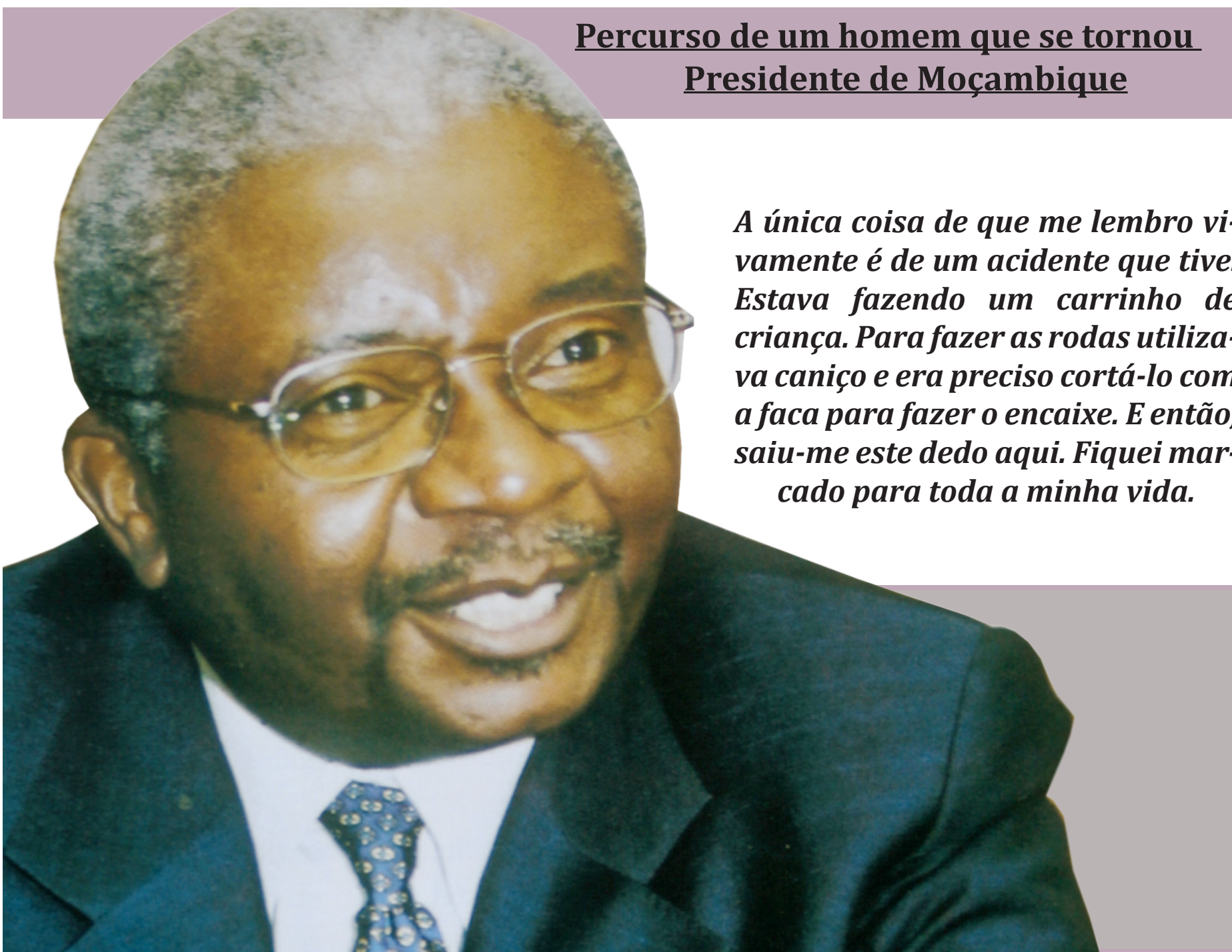




Percurso de um homem que se tornou Presidente de Moçambique



A única coisa de que me lembro vivamente é de um acidente que tive. Estava fazendo um carrinho de criança. Para fazer as rodas utilizava caniço e era preciso cortá-lo com a faca para fazer o encaixe. E então, saiu-me este dedo aqui. Fiquei marcado para toda a minha vida.

Vida e feitos de Guebuza



Edited with the demo version of
Infix Pro PDF Editor

To remove this notice, visit:
www.iceni.com/unlock.htm

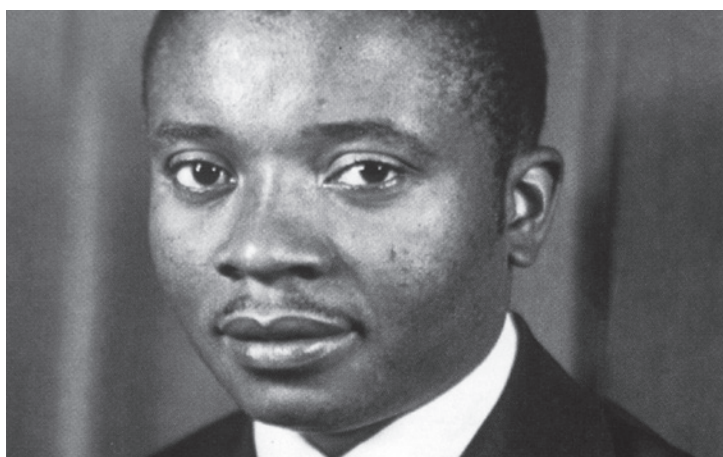
Suas múltiplas realizações são marcos importantes para um país que se pretende desenvolvido

Percurso de um homem que se tornou Presidente de Moçambique

—Dados compulsados em diferentes fontes históricas, apontam que em infância, sabia suar a camisa em jogos animadíssimos, como as outras crianças da sua época

— No Liceu, sentiu na pele os sintomas da discriminação racial...

—Sobre a guerra que levou o país à independência nacional, entende que, longe de ter animalizado as pessoas — como se costuma dizer (transformando pessoas em animais que não dão valor à vida), transformou as pessoas em seres mais capazes de valorizar o outro ser humano.



Armando Guebuza



Guebuza com o filho Ndambi



Guebuza com Samora Machel e Alberto Chipande

Por: Miguel Munguambe

20 de Janeiro é dia especial para a família moçambicana, em particular, Chembene. Lembra o nascimento de Armando Emílio Guebuza Chembene, hoje Presidente da República (PR), em 1943. É motivo para dizer bravo rapaz, pelo sinuoso caminho que palmilhou até ao pico mais alto na esfera da política nacional. Conseguiu singrar e dar-se bem na sua geração que se levantou contra as desigualdades e injustiças que vitimaram muitos moçambicanos e, integrou, em qualquer das suas múltiplas frentes, a luta vitoriosa contra o colonialismo português. A sua luta agora já não é contra o regime colonial; centra-se na redução dos focos de corrupção, altos índices de pobreza e o espírito do deixa-andar nas instituições de administração pública. Estas são as principais características que predominam a sua estratégia de governação. São ingredientes importantes para um país que se pretende desenvolvido. Armando Guebuza fez um percurso histórico notável e a muitos títulos que lhe faz merecer nota máxima. E quem, neste momento de júbilo, não gostaria de saber donde vem este homem entusiasmado que emprestou a sua energia à causa da revolução nacional?

Foi na tentativa de pretender responder à questão que acima se levanta que a equipa que produziu esta publicação, se fez ao terreno, vasculhou arquivos e consultou gente esclarecida, incluindo a do seu tempo. No fim, qual foi o desfecho? Que Armando Guebuza, em tanto que pessoa, não se difere de qualquer cidadão deste planeta; veio do chão como qualquer um e cresceu como qualquer outra criança podia na altura.

O distrito de Murrupula, em Nampula — podia ser qualquer outro — teve a sorte de, no dia 20 de Janeiro de 1943, acolher o seu nascimento, por volta das 14 horas.

Armando Guebuza veio ao mundo, seguindo três irmãos: Teresa, Sebastião e Augusto, respectivamente, todos nascidos na então cidade de Lourenço Marques, hoje, Maputo. Todos os irmãos, ao que consta, faleceram e ficou com apenas uma irmã que reside no bairro do Aeroporto, arredores da cidade de Maputo.

Seu pai, Miguel Guebuza Chembene era, em vida, enfermeiro e, sua mãe, Marta Guebuza, doméstica. As fontes, ora consultadas, lembram que Miguel Guebuza antes de se transferir para Murrupula como enfermeiro, teria trabalhado para o sector da Educação como professor. Em Murrupula não ficou muito tempo. Armando Guebuza devia ter 4 ou 5 anos quando foi novamente transferido para a ex-cidade de Lourenço Marques, tendo parado em Lumbo, onde hospedou em casa do seu amigo, João Craveirinha, irmão mais velho do poeta moçambicano, José Craveirinha, já falecido. Para Lumbo consta que usaram como meio de transporte o comboio. Armando Guebuza teve, na ocasião, a oportunidade de visitar um dos seus tios que se encontrava preso na Fortaleza da Ilha de Moçambique, enquanto aguardava pela chegada do barco (chamado Gasolina) que lhe levaria a Lumbo.

Na residência de João Craveirinha, Armando e seus pais não demoraram muito, porque tinham como destino final a ex-cidade de Lourenço Marques. Quando chegaram nesta cidade, foram viver em casa dos seus familiares na antiga Zona Maria Caldeira, perto do Vulcano. Passado algum tempo, saíram desta casa e foram viver numa outra, arrendada. É nesta última residência onde nascem os seus dois irmãos mais novos, a Clara

e o Manuel. Mais tarde, a família viria a mudar-se desta para Xipamanine, perto do antigo Centro de Saúde.

INFÂNCIA DE GUEBUZA

Armando Guebuza — hoje pai da nação — ao que se aferiu dos dados compulsados em diferentes fontes, sabia suar a camisa em infância, em jogos animadíssimos com as outras crianças da sua época. Um dia, Armando Guebuza, fazendo carrinho de arames e pretendendo encaixar rodas ao caniço, usou a faca para cortá-lo, tendo-se cortado o dedo. Este episódio, ao que consta, marcou-lhe muito na sua infância e fez questão de lembrar na sua entrevista passada pela TVM, a propósito do seu aniversário natalício.

Armando Guebuza nasceu e viveu num ambiente habilidoso. Estudou nas escolas moçambicanas, na antiga cidade de Lourenço Marques, actual Maputo, e tinha extraordinária inteligência e inabalável vocação religiosa, tendo frequentado a igreja de Lhanguene, antes de se transformar em capela, dentro do Cemitério. Foi lá onde foi baptizado.

Armando Guebuza esteve envolvido em todos os movimentos que, em tempos, preparavam os jovens para a vida futura, fazendo teatro em períodos do Natal e da Páscoa. Participou em concursos de canto que se faziam uma vez por ano na Machava, Chamanculo e Lhanguene. Mais tarde foi monitor das crianças, ensinando-as a Bíblia.

CONTACTO COM LETRAS

O Presidente Guebuza estabeleceu o seu primeiro contacto com a escrita aos 6 anos de idade, quando se foi matricular no Centro Associativo dos Negros — uma escola que se dizia oficial, mas que na prática era uma instituição do Estado para os indíge-

nas. Funcionava no edifício que há menos de uma década era Centro de Saúde, no populoso bairro de Xipamanine. É lá onde Armando Guebuza — hoje pai da nação — estabeleceu o seu primeiro contacto com as letras.

O seu primeiro professor, na pré-primária, chamava-se Lindo Tobias Nhaca que, igualmente, era seu vizinho na primeira casa. Na 1ª classe teve como professora uma senhora apenas identificada por Margarida nos dados recolhidos nos arquivos. Beatriz, irmã mais velha de Jorge Rebelo, foi professora de Armando Guebuza na 2ª classe. Depois desta, veio Samuel Dabula, como seu professor na 3ª classe Rudimentar e na 4ª classe a professora Alice, esposa na altura do intendente dos Negócios Indígenas e mãe do médico Caseiro Rocha.

IMPORTANTE MARCO

Como rezam os dados documentados, na primária, Armando Guebuza terá sido marcado por um professor chamado Samuel Dabula que sempre encorajou os jovens a estudar. Este professor, ao que consta dos dados pesquisados pela equipa que produziu esta publicação, quando Guebuza pretendia fazer o exame da 4ª classe, depois de repetir a 3ª, por falta de certidão de nascimento, ajudou-lhe a ultrapassar o impasse. Na altura, a certidão de nascimento figurava na lista dos principais documentos exigidos ao examinando. A certidão de nascimento de Armando Guebuza tinha ficado em Nampula e para tê-la, implicaria a deslocação àquela província. Armando Guebuza não sabe o que o professor Dabula fez, mas o certo é que este conseguiu negociar com os dirigentes da escola. Mais tarde, mostrando o seu sentido de afecto ao Armando Guebuza e vendo que este tinha vocação no canto, o professor Dabula enquadrou-o num grupo de canto e dança, teatro e declamação

de poesia. O professor Dabula era uma espécie de tutor dos estudantes.

Entretanto, depois do ensino primário, foi fazer o ensino secundário no Liceu Salazar, onde iniciou os seus estudos em 1956, tendo-se juntado ao Núcleo dos Estudantes Africanos de Moçambique (NESAM), organização criada por inspiração de Eduardo Mondlane, obreiro da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), o movimento que libertou o país do jugo colonial português. Em 1963, Armando Guebuza é eleito presidente do NESAM, após a partida de Joaquim Chissano a Portugal no prosseguimento dos seus estudos universitários. Joaquim Chissano foi o segundo Presidente de Moçambique independente, depois de Samora Moisés Machel.

No Liceu, ao que consta, Guebuza viria a interromper os seus estudos, porque já havia despertado em si a consciência de libertar a pátria do regime colonial. Houve quem tentou aconselhá-lo a continuar com os estudos, mas debalde, porque tinha outros propósitos que os tinha de concretizar.

FUGA DO PAÍS

Em 1964, concretamente no dia 14 de Março, Armando Guebuza abandonou Moçambique para se juntar a FRELIMO. Integrava um grupo de seis jovens, nomeadamente Ângelo Azarias Chichava, Milagre Mazuze, Josina Machel (que altura se chamava Josina Muthemba porque foi antes de se casar com Samora Machel), Mariana Fumo e Cristina Tembe. Mariana Fumo era namorada de Azarias Chichava, que foi assassinado pela PIDE na prisão. Todos saíram de comboio até Mapai, em Gaza, caminhando depois a pé até à fronteira de Chicualacuala. Douro lado da fronteira rodesiana, hoje Zimbábue, continuaram a percorrer um raio estimado em cerca de 80 quilómetros

Percurso de um homem que se tornou Presidente de Moçambique

a pé e foram presos perto da Victoria Falls, na Zâmbia. Depois foram levados pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) para Moçambique onde ficaram cinco meses presos, com excepção de Chichava que ficou mais um mês na cadeia.

Já em liberdade, Guebuza e seus pares, participou na campanha de distribuição clandestina de panfletos no sul de Moçambique, contendo a imagem de Eduardo Mondlane, no quadro da rede clandestina da FRELIMO, tendo sido novamente interrogado, a 28 de Dezembro de 1964, pela Polícia Política Portuguesa, na sequência disso.

Três dias depois de interrogado, ou por outra, no dia 31 de Dezembro, Guebuza foge novamente de Moçambique, permanecendo algum tempo na Suazilândia, como refugiado, passando depois para a África do Sul e Buechenalândia, onde foi novamente detido e ameaçado de deportação pelas autoridades britânicas. Foi graças à intervenção de Eduardo Mondlane, exigindo à sua libertação incondicional, que Guebuza foi entregue ao Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para os Refugiados, tendo sido posteriormente conduzido para a Zâmbia.

A história conta que na Suazilândia Guebuza teria permanecido algum tempo à espera doutros colegas que chegaram a atingir 75, maior parte dos quais, membros do NESAM. Nesta segunda fuga, os jovens já tinham ligação com a FRELIMO, através de Milagre Muthemba, filho de Sansão Muthemba, já falecido.

No dia 25 de Maio de 1965, Armando Guebuza chega a Lusaka, capital da Zâmbia, seguindo posteriormente para a Tanzânia, conduzido por Mariano Matsinhe, então representante da FRELIMO na Zâmbia.

Na Tanzânia, Guebuza fez os treinos militares em Bagamoyo e foi depois integrado no grupo de combatentes que abriu o campo de Preparação Política Militar de Nachingwea.

No dia 3 de Fevereiro de 1966, Guebuza é transferido de Nachingwea para Dar-es-Salam, passando a exercer as funções de secretário particular de Eduardo Mondlane em substituição de Joaquim Chissano, de partida para a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Enquanto se ocupava de secretariar Eduardo Mondlane, Armando Guebuza ia leccionando no Instituto Afro-Americano.

Em Outubro de 1966, Armando Guebuza é nomeado secretário do Departamento de Educação e

Cultura da FRELIMO. Por inerência de funções, é desde essa altura membro do Comité Central do partido FRELIMO. Dois anos depois (1968), a Armando Guebuza é confiado o cargo de Inspector das escolas da FRELIMO e em finais de Julho e princípios de Agosto de 1969, parte para Argel como chefe da delegação da FRELIMO ao Festival Pan-Africano da Juventude.

Em 1970, Armando Guebuza é nomeado pelo Comité Central da FRELIMO comissário político nacional, em substituição de Raimundo Pachinuapa. Em 1972 integrou o grupo de Samora Machel que supervisionava a luta armada nas províncias, tendo-lhe cabido a de Niassa.

Em 1974, Guebuza casa-se com Maria da Luz Dai, em Tunduro. Maria da Luz e Armando Guebuza conheceram-se durante a luta armada de libertação de Moçambique e logo depois do casamento, Guebuza partiu para uma formação militar na União soviética.

De regresso ao país, Armando Guebuza, procede, em Outubro de 1974, à investidura dos membros que integravam a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lourenço Marques, e em Novembro do mesmo ano dirige uma operação de limpeza na Rua Araújo, que culminou com a prisão de 284 pessoas, a maior parte das quais, prostitutas.

Armando Guebuza foi quem conferiu posse ainda aos governadores de Cabo Delgado, Zambézia e Sofala, respectivamente Raimundo Pachinuapa, Bonifácio Gruveta e Alberto Cangela de Mendonça, em Novembro de 1974.

Em 1977, Armando Guebuza foi eleito membro da Comissão Permanente no decorrer do III Congresso da FRELIMO. No mesmo ano foi indicado para dirigir a comissão de reassentamento das populações vítimas das cheias na província de Gaza.

Em Julho do mesmo ano, é nomeado vice-ministro da Defesa Nacional, com a missão especial de elevar a moral combativa e o nível político dos combatentes das Forças Armadas e paramilitares, e de instalar as estruturas do partido no seio desses órgãos.

Em Dezembro de 1977, o seu nome integrava a lista de candidatos a deputados na Assembleia Popular. Em Fevereiro de 1978 é nomeado membro da Comissão Nacional de Estruturação do Partido, criada por decisão do Comité Central da Frelimo. Em Setembro de 1978, é nomeado substituto legal do governa-

dor da província de Cabo Delgado.

Em Abril de 1979, Armando Guebuza presidiu à cerimónia de tomada de posse de 24 juizes para o Tribunal Popular Provincial. Em Maio de 1979 liderou a delegação militar moçambicana nas conversações com a delegação das Forças Armadas da República Democrática Alemã, chefiada pelo general Heinz Hoffmann.

Em Junho de 1979, Armando Guebuza chefiou o grupo de estudo sobre a Agricultura e Aldeias Comuns, constituído no decorrer da 4ª sessão da Assembleia Popular. Integrou uma delegação de alto nível que actuou na DETA, na sequência de graves anomalias detectadas naquela companhia nacional de aviação, hoje LAM.

Em 1980 foi eleito presidente da Comissão Provincial de Eleições em Cabo Delgado. Em Março do mesmo ano, Guebuza dirige o processo de recenseamento geral da população na localidade de Bambela, província de Inhambane. E a 25 de Setembro do mesmo ano, é graduado no posto de tenente-general, na esteira do 16º aniversário do desencadeamento da luta armada de libertação de Moçambique.

Em 1981 é nomeado ministro residente da província de Sofala. Em 1982 recebeu várias condecorações do 20º aniversário da FRELIMO e de Veterano da Luta Armada de Libertação Nacional. Em 1983, Guebuza é eleito membro do Bureau Político e do Comité Central do Partido FRELIMO. No mesmo ano, Guebuza é nomeado ministro do Interior, em comício popular orientado por Samora Machel.

Em 1984 foi nomeado ministro na Presidência, responsável pela coordenação das áreas de Agricultura, Comércio, Indústria Ligeira e Turismo, assim como a cooperação com a China, Coreia do Norte, Paquistão e Vietname. Foi em 1985 condecorado com a Ordem Eduardo Mondlane do 1º Grau. Em 1976 integrou a comissão nacional de inquérito às causas que determinaram a queda da aeronave onde viajava o Presidente Samora Machel. No mesmo ano, Guebuza integrou a delegação presidencial que foi fazer as conversações com a delegação do Malawi, chefiada por John Tembo.

Em 1986, assume a pasta dos Transportes e Comunicações e da Presidência do Comité de Ministros dos Transportes e Comunicações da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral.

Em 1990, é nomeado chefe da delegação do Governo às conversações de Roma que resultaram



Família Guebuza com vizinhos e amigos

na assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992, ano em que foi designado Chefe da Delegação do Governo na Comissão de Supervisão e Implementação do Acordo Geral de Paz para Moçambique.

Armando Guebuza, Tenente-General na Reserva esteve igualmente envolvido no processo de Paz do Burundi sob a égide do falecido Presidente da Tanzânia Julius Nyerere e, mais tarde, do antigo Presidente sul-africano, Nelson Mandela. Armando Guebuza foi responsável da Comissão sobre a natureza do conflito Burundês, problemas do genocídio e exclusão e suas soluções.

Em 2000 ele foi escolhido por consenso pelas partes em conflito no Burundi para presidir a Comissão sobre as Garantias para a Implementação do Acordo resultante das negociações de Paz.

Foi Chefe da bancada da FRELIMO desde o primeiro parlamento multipartidário saído das Eleições Gerais de 1994 até ao VIII Congresso da FRELIMO.

Em 2002, é eleito Secretário-Geral da FRELIMO e, em 2004, é eleito Presidente da República, mandato que quando terminou, em 2009, renovou, por via de uma eleição livre e secreta do povo.

COMBATE CONTRA A CORRUPÇÃO

Durante o primeiro mandato, ora expirado em 2009 e, o segundo que se deverá prolongar até 2014, o Presidente Guebuza ter-se-á destacado pela sua firmeza na luta contra a corrupção, pobreza e o espírito de deixa-andar ao nível das instituições de administração pública.

Na componente da luta contra a

corrupção, vários dirigentes do Estado, terão sido levados à barra da justiça suspeitos de prática de gestão danosa e ruidosa na gestão de fundos e bens públicos — abrindo escape para a redução de roubos nas instituições, pois qualquer desfalque que pudesse vir à tona, os seus autores seriam responsabilizados. Sobre a pobreza que graça a maioria dos 20 milhões de habitantes, Guebuza foi capaz de, uma vez por ano, percorrer o país inteiro e descer até ao último reduto, com fortes mensagens de apelo para o reforço de produção nacional. É que, com tantos recursos que o país oferece, com destaque para as terras férteis, é inconcebível na consciência de Armando Guebuza que o povo continue a morrer de fome. Via que alguma coisa não está bem e chegou a concluir que a pobreza que afecta a maioria dos moçambicanos residia nas suas cabeças, apelando para a libertação da mente no combate contra a pobreza.

O Presidente Guebuza ter-se-á destacado igualmente pela sua luta tenaz contra o espírito de deixa-andar que já havia tomado conta de muitos funcionários públicos, criando constrangimentos na satisfação das necessidades dos cidadãos. Foi na vigência de Guebuza, no seu primeiro mandato, que se reeditaram as visitas-relâmpagos dos tempos do regime samoriano nas instituições públicas.

Os hospitais foram dados como principais alvos, porque havia problemas com agentes que passavam a vida escondidos em cabines/gabinetes, quando utentes torciam de dores, chegando a perder a vida por falta de atendimento. Hoje, estes problemas embora persistam, pode-se dizer que diminuíram muito e isso — diga-se — foi graças à revolução *guebuziana*.



Centro Assosiativo dos Negros da Colonia de Moçambique



Visita a um campo de refugiados a sul da Tanzânia, Rutamba



Guebuza no festival do 25 de Setembro em Nampula

Em tempos do Liceu

Guebuza sentiu descriminação racial na pele



Discursando no Dia da Legalidade e da PRM - 1983



Troca de alianças entre Guebuza e Maria da Luz



Armando Guebuza e Raul Domingos nas negociações da paz

Depois de concluído o ensino primário, Armando Guebuza frequentou cerca de duas semanas o então Liceu Salazar – hoje Escola Secundária Josina Machel. Naturalmente, tinha dificuldades de ordem financeira e era-lhe difícil sair todos os dias a pé para a escola e, havendo um Liceu perto, nas bandas do Alto-Maé, pediu e acionou transferência para aquilo que constituía, na altura, a 3ª Secção do Liceu Salazar. Nesta instituição, o número de negros e mulatos podia-se contar e todos sofreram na pele a discriminação racial, inclusive a sabotagem no seu aproveitamento pedagógico.

A 3ª Secção do Liceu Salazar, com o decorrer do tempo evoluiu, transformando-se em Liceu António Enes – actual Escola Secundária Francisco Manyanga. Para este Liceu, Armando Guebuza entrou em 1956. Integrava um conjunto de poucos negros que, na altura, se encontrava a estudar naquele estabelecimento. Deviam ser onze ou doze estudantes negros, incluindo dois mulatos, nomeadamente Cassamo que depois se tornou médico e um outro de nome não especificado. E os negros eram Alberto Chissano, Jorge Tembe, Irondina, Betinho (irmão mais novo do ex-Presidente da República, Joaquim Chissano) e poucos outros. Armando Guebuza encontrou no Liceu professores simpáticos e indiferentes a tudo quando a classe negra fazia dentro e fora da instituição. Consta ainda que para um negro ou mulato passar de classe, naquele estabelecimento de ensino, a sua nota 10 tinha que valer 12 ou 13 valores e havia esforço da parte destes porque já tinham a consci-

ência disso. Nos intervalos, os negros, incluindo Armando Guebuza, tinham dificuldades de se misturar com os demais colegas de raça branca, não porque pudessem ser expulsos, mas porque as condições não favoreciam; ficavam isolados num cantinho à espera do toque para entrada na sala de aulas ou rumar para casa. Mais grave, quando chegavam à aula de Desenho era muito fácil os negros terem falta, porque para assistirem a aula era obrigatório que tivessem estojo, compasso, o tira-linhas, a tinta-da-china, o algodão, folha de papel apropriada para o Desenho e se não tivessem uma dessas coisas, o professor marcava falta no livro de presenças. Algo idêntico acontecia quando chegava o momento de Ginástica. Todos os alunos tinham que ter sapatilhas brancas, calções pretos, camisola branca e se faltasse algum destes artigos de vestuário, era marcada falta. Os negros eram sempre apanhados porque podiam ter uma destas coisas, mas não todas. Felizmente, a maior parte dos professores era profissional e os alunos eram apenas crianças. Não estavam muito para estas coisas, embora existisse um e outro que tomava em consideração o equipamento para aulas de Educação Física e materiais para Desenho. Isso ajudou muito o grupo de mulatos e negros naquela escola.

Num livro que fala da vida e obra de Armando Guebuza, e que ostenta o seu nome como título, Guebuza lembra-se de uma vez ter tido boa nota na disciplina de Português. “Eu era excelente aluno àquela disciplina. A professora tinha o hábito de distribuir os testes começando das notas mais baixas para as mais altas. Primeiro

os 7, 8, 9, 10... e fomos subindo. No fim, deu-me o meu ponto. Eu fiquei espantado. Ela vira-se para os alunos e diz:— “Vocês, como é que é? Não têm vergonha que um jovem que nem sequer fala Português em casa tenha melhor nota do que vocês”, disse, acrescentando que aquilo era uma agressão.

Armando Guebuza estava condenado a tirar notas baixas só porque não falava Português em casa. Podia ser inteligente, com boa capacidade de assimilar a matéria que os outros, mas o simples facto de ser negro e, acima de tudo, não falar Português em casa, deixava tudo em terra. O livro citando Armando Guebuza, fala um pouco de si e foi editado pela Imprensa Universitária em Moçambique e Texto Editora em Portugal. O mesmo livro conta outro episódio em que Armando Guebuza era, na mesma escola, tratado como filho por uma professora de Desenho. Mas mal esta saiu do Liceu, deixou de saber Desenho. No 5º Ano, por exemplo, teve 6 a Desenho e isso afectou a disciplina de Ciências que teve que descer para 12 valores. O livro na posse do jornal diz ainda que Armando Guebuza terá tido em tempos do Liceu uma excelente professora de Matemática, chamada Maria Casanova. Outra professora e que ainda se mantém viva, é Maria de Lurdes Cortez que tratou com carinho Armando Guebuza, em tempos de Liceu. Esta professora dava a disciplina de Português e chegou a visitar Armando Guebuza quando este ficou preso. “Ela apareceu na prisão para visitar-me e isso ajudou-me bastante. Não criticou, não me perguntou o que quer que fosse. E até há uma coisa interessante: convidou-nos a nós, grupo

de negros, para a casa dela. A mim e a Cristina Tembe(esposa do major Ndoobe). Nós fomos a casa dela, perto da casa mortuária, e sentimo-nos bem”, conta Armando Guebuza aos autores do referido livro, acrescentando que há um outro professor, o Manuel Barreto, que teve muita comunicação consigo. Até quis lhe apoiá-lo em materiais didácticos quando era explicador de estudantes no Centro. “Ele era professor de Português e Latim e eu dava explicações ao 1º e 2º Anos. Ele ajudava-me bastante. Foi ele também que me arranhou emprego quando saí da prisão, porque eu já não queria estudar, estava revoltado, completamente revoltado. Guebuza

dizia na altura que não valia a pena continuar a estudar com aquele sistema. O professor Manuel Barreto foi o encorajando, mas de balde. Na sua recusa, Guebuza apresentava como argumento a falta de condições materiais e Barreto acabou assumindo a responsabilidade de arranjar emprego para Guebuza de modo a ter condições materiais para continuar a estudar. E, cumprindo com a sua palavra, o professor Manuel Barreto arranhou-lhe emprego na Associação dos Naturais, onde trabalhava no período da tarde, recebendo mil escudos mensais como salário. Este valor, podia ser pouco na altura para um chefe de família, mas para um estudante, era suficiente.

Guerra não animaliza pessoas

A guerra, na voz de Armando Guebuza, longe de ter animalizado as pessoas, como se costuma dizer (transformando pessoas em animais que não dão valor à vida), transformou pessoas em seres mais capazes de va-

lorizar o outro ser humano. A guerra, segundo observa, criou ao povo, de uma nova maneira de ver as coisas, de ver os problemas de um país e, criou, acima de tudo, uma nova consciência e maneira de sentir entre as pessoas.

Moçambique com mesmo problema

O problema que se coloca hoje, como se colocava em 1962, ano da fundação da FRELIMO, é o mesmo: o povo sofre. Ainda há muita gente sem escola, sem hospital, sem roupa, muita gente que trabalha, mas passa dias sem comer. Por isso, a luta continua, apesar de termos hoje um governo da FRELIMO. O aspecto principal da nossa

luta nesta fase não é a luta armada, é a luta política. É a luta para podermos ter controlo sobre Moçambique; para podermos transformar o mais rapidamente possível, um país pobre num país próspero, para podermos o mais rapidamente possível, acabar com os problemas da fome, da doença e da nudez. (Armando Guebuza, em Tete)

Guebuza aprendeu a fumar na cadeia

O Presidente da República, Armando Guebuza, que este ano assinala a passagem do seu 69º aniversário natalício, confessa ter aprendido a fumar na cadeia, ao lado de vários colegas seus do presidio. Inicialmente, consta que este fumava cigarros, mas depois passou para o charuto, para hoje vir para o cachimbo. Na primeira pessoa, Armando

Guebuza – pai da nação moçambicana – é citado num livro editado em Maputo e Lisboa, a dizer que “quando era estudante, estive preso na Cadeia Civil”, na antiga cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo. E aqui, “um amigo, que na altura já trabalhava e, portanto, tinha dinheiro, conseguiu convencer os guardas do local a deixarem-me fumar. Quando saí tive dificuldades em explicar aos meus pais que já era fumador.

Felizmente, entenderam e o meu próprio pai começou a pagar-me cigarros. Em 1967, sob pressão dos movimentos anti-tabagistas, deixei de fumar. Mas em 1980, com a independência do vizinho Zimbabwe e na companhia de alguns cidadãos daquele país, recomencei a fumar; readquiri o vício e passei do simples cigarro para o charuto, até que um dia decidi pelo cachimbo”. Na linguagem popular, o cachimbo é de-

finido como um instrumento utilizado para se fumar, geralmente, tabaco. É composto de um recipiente – o chamado fomilho – onde se queima o fumo e de um tubo – chamada piteira – por onde se aspira a fumaça produzida pelo tabaco, um produto agrícola processado a partir das folhas de plantas do género nicotina, que pode ser consumido, usado em pesticidas, sob a forma de tartáreo de nicotina, ou usado em al-



gumas medicinas. Mas em muitas ocasiões, o tabaco é normalmente usado como uma droga recreativa.

